

## FICÇÃO E HISTÓRIA EM HONORÈ DE BALZAC

Eurimar Nogueira GARCIA (UFG-CNPQ) - eurimargarcia@yahoo.com.br

Carlos Oiti Berbert JÚNIOR - oitijr@terra.com.br

Universidade Federal de Goiás  
Faculdade de História  
Programa de Pós-Graduação em História

Palavras-chave: HISTÓRIA-IDÉIAS-LITERATURA

Em minha pesquisa tento estabelecer uma análise sobre a relação do romancista oitocentista francês Honorè de Balzac com o conhecimento histórico, considerando sua trajetória pessoal, suas idéias e seus desafios. Isso com o objetivo de perceber as prováveis continuidades e rupturas que ele apresentava em relação à historiografia da primeira metade do século XIX. Para isso, considero como fonte principal a biografia de Balzac, escrita por Graham Robb, e os próprios romances do autor, principalmente *O Cura da Aldeia*, *O Médico Rural* e *Os Camponeses*. A perspectiva teórico metodológica é a de uma história intelectual marcada pelo pressuposto do dialogismo, defendida pelo historiador norte-americano Dominick LaCapra.

O interesse do homem Balzac pela história parece ter sido muito forte. Interesse e curiosidade pela história que podia ser percebida quando ele ainda era um aluno comum do Collège de Vendome. Graham Robb (1995), autor de *Balzac, uma biografia*, afirma que aos dez anos de idade e influenciado pelo romance histórico de Marmontel, *Lês incas* (1777), Balzac produziu um poema épico de um verso só: Ô Inca! Ô roi infortuné et malheureux! (Ó inca! Ó rei infortunado e infeliz!)

Sabemos que no despertar desse interesse pela história Balzac teve a influência, além dos livros e de seus autores, de pessoas mais próximas. Robb (1995) destaca três jovens professores que lecionaram para Balzac na Sorbonne entre 1816 e 1818. Importante citá-los aqui: o primeiro, Guizot, lecionava história moderna, o outro, Victor Cousin, ensinava filosofia, mas com um aguçado senso de pesquisa histórica. Robb cita uma fala de Balzac sobre as aulas de Cousin no Museu de História Natural, onde o via: (...) “reconstruindo mundos a partir de ossos embranquecidos, reerguendo cidades a partir de dentes, como Cadmo, repovoando mil florestas com todas as maravilhas da zoologia.” (1995, pg. 60). O terceiro, Villemain, um professor de literatura com fortes laços com a história. Laços

evidenciados em *Histoire de Cromwell*, uma obra de história moderna cheia de paródias: Cromwell seria Napoleão; Carlos I, Luis XVI. Seguindo seu professor Balzac também escreveu seu Cromwell, o concluiu em 1820 com 1906 versos. Professores de áreas distintas, mas que certamente aguçaram e intensificaram a relação de Balzac com o conhecimento histórico.

Quatro anos depois de concluir *Cromwell* Balzac escreveria *Histoire impartiale des jésuites*, que de imparcial parece que não tinha muito, pois Robb (1995) diz que possivelmente tenha sido encomendada por um legitimista e que era capaz de enfurecer qualquer liberal autêntico.

A relação de Balzac com a história não se limitava à imaginação, como nas leituras de Walter Scott ou na escrita de poesias do tipo da já citada, sobre a falida monarquia inca. Ela tinha fortes laços com a pesquisa. Robb diz: (...) “A pesquisa histórica e os estudos pseudo estatísticos da vida moderna podem ser vistos como o assentamento de (seus) alicerces literários. (...) (1995, pg. 125). Rónai diz que, na tentativa de escrever sobre a mencionada insurreição dos Chouans, Balzac foi à busca de documentação na Bretanha: “A lembrança da insurreição ainda estava viva: pôs-se a procurar informações, a recolher o testemunho de pessoas idosas, a anotar tudo e voltou a Paris com o manuscrito quase pronto do primeiro romance de verdade que sairia de sua pena e que não hesitaria mais em assinar: *Le Dernier ou la Bretagne en 1800.*” (1999, pg.56) Essa pesquisa, a respeito da insurreição dos Chouans, também é relatada por Robb: “Sua pesquisa histórica revelara alguns detalhes curiosos sobre os levantes ocorridos no oeste entre 1793 e 1800, quando guerrilheiros apoiados pelos monarquistas se insurgiram contra a nova república.” (1995, pg. 153).

Balzac na condição de historiador é um fato aceito por grande parte dos intelectuais que o leram. Rónai afirma que: (...) “Este belo título- o de historiador- nunca lhe foi contestado pelos intelectuais da esquerda. O próprio Marx lia-o com entusiasmo, e Engels prestou-lhe homenagem neste significativo trecho de carta.” (1999, pg.68) Na sequência cita os rasgados elogios de Engels, dizendo que *A Comédia Humana* é a história mais maravilhosamente realista da sociedade francesa.

Na introdução de *Os Camponeses*, publicada em 1954 pela editora Globo, Rónai diz que Balzac se considerava um historiador de costumes. Balzac adotou como subtítulo, em grande parte dos volumes da *Comédia Humana*, a expressão

estudos de costumes. Rónai (1954) ainda cita um trecho em que Balzac chega a teorizar sobre a diferença entre ele- o historiador de costumes, e os historiadores tradicionais, chamados por ele de historiadores de fatos. Reconhece na sua tarefa mais regras e necessidades de provas que na tarefa dos outros historiadores: (...)“O historiador de costumes obedece a leis mais duras do que as que regem o historiador de fatos; aquele deve tornar tudo provável, até o verdadeiro, ao passo que, no domínio da história propriamente dita, o impossível é justificado pela razão de ter acontecido.” (1954, pg. 10).

A fala de Balzac expõe sua idéia a respeito da história que ele conhecia. Uma história de fatos, de acontecimentos (événement) em que se destacavam as ações públicas, como as políticas e militares.

Ginzburg (2007) diz que o romance balzaquiano trouxe um desafio para a historiografia. Vimos o próprio Balzac apresentar esse desafio na citação feita por Rónai (1954): o desafio de escrever uma história dos costumes e da vida privada. Nesse ponto, sua ligação com a história foi marcada pela proposta de uma ruptura, de uma descontinuidade com aquilo que vinha sendo feito. Em síntese, uma nova prática de produção histórica, um novo olhar para sobre o devir humano.

Um último elemento da escrita balzaquiana não pode ser ignorado. Diz respeito à retórica. Para ele a maneira de contar, e a consciência do que se conta são elementos importantes na constituição da verdade. Robb cita uma fala retirada de *Falthurne*, que ajuda a perceber a importância da retórica na verdade de Balzac: “O que me leva a acreditar na verdade do que o grande Savonati nos transmitiu é a forma como ele nos conta tudo conscienciosamente.” (1995, pg. 77).

No que diz respeito ao fato da possível inserção de Balzac numa tradição de teoria histórica, têm-se a colocação de Eric Auerbach, em *Mimesis*, afirmando sua inserção no historicismo: “Historicismo atmosférico e realismo atmosférico estão intimamente ligados; Michelet e Balzac são levados por idênticas correntes (...). Tal concepção e tal prática são totalmente historicistas” (2007, pg. 172). Historicista ou não, a perspectiva de sua narrativa Balzac parece deixar bem clara. Entender o costume pelo viés da temporalidade, ou seja, os hábitos narrados seriam outros se inseridos em outra temporalidade. É o que podemos ver na dedicatória de *Os Camponeses* dirigida a seu amigo Sylvain Gavault: “Escreveu J. J. Rousseau no começo de *A Nova Heloísa*: ‘Vi os costumes de meu tempo, e publiquei estas

cartas.' Por que não dizer-lhe, imitando o grande escritor: Estudo a marcha de minha época, e publico esta obra?" (1954, pg. 15)

A preocupação de Balzac com a temporalidade em que seus personagens estão inseridos é bem marcante. Para escrever *Falthurne*, Robb (1995) diz que ele foi buscar na escrita histórica a paisagem temporal para encaixar sua trama. Buscou em *Declínio e queda do império romano* de Gibbon os ares da Nápoles do século X. Com o sonho de realizar uma épica descrição de uma batalha napoleônica fez questão de visitar cenários de batalhas e conversar com soldados que delas participaram. Robb comenta sobre a observação que Engels realizou sobre as preocupações históricas de Balzac: "Escrevendo para Margareth Harkness em 1888, Engels observou que a aguda percepção que Balzac tinha das tendências históricas o levou, apesar de si mesmo, a destacar as contradições e injustiças da sociedade e, assim, promover a revolução proletária que ativamente tentou evitar." (1995, pg. 201).

A conclusão que posso fazer da relação entre a Balzac e a história é provisória e ainda muito simples. Continuo minha pesquisa em busca de mais informações e esclarecimentos. O que pude até aqui compreender sobre essa relação é que ela foi significativa. A história chegou ao colo de Balzac, com temperos diversos (narrativas bíblicas e outras variadas), destacando-se a literatura de Walter Scott. Depois vieram as disputadas aulas de Guizot e Villemain. Nos entremeios de leituras e aulas assistidas nasceu a vontade de escrever sua própria história: era o menino que poetizava sobre os incas ou o homem que jurava imparcialidade na sua história dos jesuítas.

Tanto interesse, foi acompanhado de tanta ousadia: desafiar os historiadores de seu tempo e os da antiguidade clássica. Propôs novo objeto para a história, a vida privada e os costumes. Mas mesmo desafiando a historiografia mantinha paradigmas alguns pressupostos daqueles que apedrejava- possivelmente os metódicos. Continuava querendo uma história pautada na verdade e na prova, mesmo que fosse uma verdade aliada da imaginação e da retórica. Historicista ou não, sempre muito atento com a influência do tempo na elaboração de seus enredos. Seja escrevendo para expressar o que estudou e sabia sobre sua época, ou para instruir os legisladores do futuro a respeito da condição dos camponeses no julgo da burguesia. Balzac tinha como pilar de seu pensamento, elementos que, se não lá no XIX pelo menos cá no XX e XXI, ou vice-versa, suscitaram e suscitam

muitos debates na epistemologia histórica: imaginação, retórica, empiria, verdade, temporalidades, ensinamentos, e cultura.

### **Bibliografia:**

BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Volume XIV (Estudos de Costumes). Tradução: Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 1992.

BALZAC, Honoré de. *A comédia humana*. Vol. XIII (Estudos de Costumes). Tradução: Carlos Drummond de Andrade e de Vidal de Oliveira. São Paulo: Globo, 1954.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pg.211-238.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto Machado. 23ªed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2008.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução: Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

LACAPRA, Dominick. *Repensar la história intelectual y leer textos*. In: Palti, Elias José. "Giro lingüístico" e história intelectual. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998, p.237-293.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era das revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução: Maria Tereza Lopes e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ROBB, Graham. *Balzac: uma biografia*. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

RÓNAI, Paulo. *A vida de Balzac*. 2ª Ed. Revista. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.